

Sumário



9	Olhos de Cão
19	Ponto Cruz
27	As Três Marias
39	Lambaris
51	Olhos Verdes de Joana
63	Geda
71	A Fuga
81	Imagem Revelada
97	Dentes Caninos
107	Chá com Adoçante





**Olhos
DeCão**

O cheiro de terra seca se espalhava com o calor do sol do meio-dia; sinal de que o momento para o descanso estava próximo. Na roça grande, um eito de taquara teimava em negociar um pouco de sombra com o verão de janeiro. Era chegada a hora de espantar a fome com um carreteiro feito às pressas no braseiro embaixo da carreta e aproveitar para pôr em dia a prosa presa na garganta durante o momento da colheita daquela manhã. Meu pai, meu irmão, eu e mais meia dúzia de peões seguíamos à risca aquele ritual da sesta. Acompanhava-nos um cusco perdigueiro, mais velho do que eu e meu irmão, segundo o calendário de meu pai, e que agora mal tinha forças para sair da sombra da carreta, acuado pelo peso dos

anos e pela sarna que manchava de vermelho o resto de seus pelos. Brasino, nome que trazia a lembrança de um tempo em que seus pelos ainda eram de um marrom-avermelhado, só se levantava de seu posto na hora de irmos para a casa, ou quando tinha de espantar as moscas teimosas que buscavam se aproveitar da situação para sugar o resto de vida daquele corpo quase inerte. Por princípio, volta e meia, ele erguia a cabeça e latia na tentativa de mostrar-se ainda fiel ao grupo e para assegurar sua dignidade de cão. Naquele dia, porém, estava mais inquieto do que de costume: levantava-se e tentava se aproximar de mim e de meu irmão, como um convite à última caçada ou a uma corrida pela encosta do arroio, mas a coceira de suas chagas o impelia a se roçar na terra para um alívio instantâneo, que era seguido de um latido que traduzia, ao mesmo tempo, seu prazer e sua agonia causada pelas dores das feridas.

Após o costumeiro chimarrão e uma refeição que devolvia a força necessária para as lidas da tarde, todos se achegavam a uma réstia de sombra para o merecido cochilo. Eu, como sempre, iria aproveitar meu tempo para descer até o arroio e aprisionar uns lambaris nas pedras da encosta, só para soltá-los à noitinha, quando passássemos por ali a caminho da casa. Quando, porém, me preparava para minha aventura diária,

meu pai, como se adivinhasse minhas intenções, me interrompeu com sua voz rouca de cigarro de palha:

– Te aligeira, guri! Passa a mão no trançado de couro da carreta e dá cabo a esse cusco velho que já não serve pra nada – o tom forte de sua voz parecia contradizer o olhar que lançava para Brasino, mas se fazia necessário para manter sua postura diante dos demais. – E não te demora que preciso de ti para me ajudar na roça; já estás na idade de provar que és macho de verdade!

Eu tinha apenas oito anos e ainda não conhecia a certeza da desobediência; ainda mais a meu pai. Não podia acreditar naquilo. Logo eu, que não havia passado um dia sem ter por perto o Brasino, seria o responsável por dar cabo à sua vida. Sem muita escolha, passei a mão na corda e assobiei para que o cão me acompanhasse. Ele, fiel ao chamado, de pronto se mostrou disposto a me seguir. O caminho até o mato durou um tempão sem fim. Meu olhar buscava uma alternativa, uma saída para a situação. O olhar de Brasino se mostrava faceiro pela ilusão da brincadeira. Já não eram mais suas pernas que pesavam, mas a caminhada se mostrava mais difícil do que de costume. Ele, no entanto, encontrou forças para correr e se atirar no arroio para refrescar sua coceira. Minha vontade também era a de sair correndo, mas, não sei

por que, me limitei um bom tempo a olhá-lo de longe, talvez na esperança infantil de que algum milagre fizesse com que ele saísse da água totalmente curado e eu pudesse desobedecer a meu pai.

Mas todo longe uma hora se aproxima. Chegamos à encosta do morro e entramos juntos no mato. Brasino volta e meia parava e olhava para trás, para ter a certeza de minha companhia, e eu pedia para que, pelo menos naquela vez, ele não estivesse comigo; que sumisse mato adentro e não encontrasse o caminho de volta. Ao longe, já se ouviam as vozes da peonada reiniciando suas obrigações, como um aviso de que eu precisava cumprir minha tarefa. Tive vontade de recuar, mas não me achei em condições de enfrentar o olhar de meu pai. Fui tomado por uma onda de racionalidade e chamei Brasino para perto de mim. Abandonei a preocupação com suas feridas e o abracei, pedindo-lhe, com minhas poucas palavras de rezas, que ele me perdoasse. Aproveitando o momento, passei-lhe a corda no pescoço, cruzando a ponta pela argola de ferro da outra extremidade. Ele manteve-se imóvel mais uma vez, na espera de meu comando. Joguei a ponta da corda por cima de um galho e, de onde não sei, achei forças para sair correndo e puxá-la. Na tentativa de não ouvir o barulho dos galhos se quebrando pelo contorcionismo de meu fiel



amigo, amarrei o mais rápido que pude aquele trançado numa tora de árvore e saí correndo em direção ao arroio sem olhar para trás. Estava finda a tarefa.

Saí do mato correndo e, ao cruzar pelo arroio, meti minha cabeça o mais fundo que pude em suas águas, na expectativa de desatar o nó que, em minha garganta, me impedia de respirar. Ali fiquei por um bom tempo. Quando voltei à roça, todos já estavam ocupados em seu mundo de colheita. Meu irmão me lançou um olhar estranho. Meu ódio me impedia de tentar decifrá-lo. Lancei-me em minha tarefa com toda raiva que conhecia e trabalhei muito mais do que era de costume. O suor que escorria de meu rosto serviu como disfarce para que ninguém percebesse meu choro. Assim fomos até o final da tarde, sem que palavra alguma fosse proferida.

Na hora de irmos embora, fomos nos lavar nas águas do arroio. Meu pai, seguindo o ritual que cabia a um capataz, dirigiu-se para a carreta para cangar os bois.

– Guri vadio, não consegues fazer nada direito? Onde deixaste a corda? Por que não a colocaste no lugar? – sua voz já se rompia em uma ordem para que eu desse um jeito de buscar a corda o mais rápido possível.

Desci novamente para o mato, agora acompanhado por meu irmão. Chegando lá, deparei-me com Brasino dependurado a uns metros do chão. Não sofria mais suas coceiras, parecia descansar com a cabeça voltada para o alto, numa imagem de quem pede ajuda ou agradece pelo fim de um sofrimento. Meu irmão desatou a corda e a retirou do pescoço de nosso amigo. Não havia suor em seu rosto, mas seus olhos deixavam escapar uma solidariedade que me era alheia. Entregou-me a corda para que eu a levasse para a carreta. Sem encará-lo no rosto, entreguei a corda para meu pai, que naquele dia quis me ensinar a ser macho, mas esqueceu-se de me mostrar o que era ser homem.